

Durante uma semana, em Paris,

A "Galáxia Pessoa" invadiu a Unesco

Virgílio de Lemos, em Paris

Com o seu álbi de infinitos e sua galáxia de «fingimentos», Fernando Pessoa festeja o seu centenário de nascimento na Unesco, a maior organização internacional da cultura neste fim de século XX. Na presença de Frederico Mayor, director-geral, e de José Augusto Seabra, «pessoano» e embaixador de Portugal na Missão de Portugal nesta organização, durante uma semana na galáxia Pessoa que inclui — «pessoanos» do mundo inteiro — discutiu à volta da «diversidade e universalidade» do poeta e filósofo,

sofo, um dos singulares e mais inovadores do séc. XX.

Federico Mayor defende que cabe também à Unesco internacionalizar os génios tais como Picasso, Miró, Vieira da Silva, e ele que é também poeta poderia acrescentar nomes como J. L. Borges, Octávio Paz, Carafy, Machado e René Char. Fernando Pessoa está hoje no seu apogeu em França e no mundo, lido e estudado do Japão e Estados Unidos ao Brasil e México, sendo apontado não apenas como um poeta dos fins do século XX mas do século XXI. Todas as páginas literárias de jornais semanários e revistas concedem-lhe os seus dossiers, desde a «Quinzaine Littéraire», de Maurice Maudeau, à revista «Europe», que

lhe consagra o seu número de Junho-Julho de 1988 coordenado por Pierre Rivas. «Meio século de paixão» é o título do artigo que nela figura de Armand Guibert, tradutor de Pessoa e um dos intelectuais franceses que mais contribuiu para a sua divulgação no mundo. A. Guibert e Pierre Hourcade (pai) a quem sucedeu hoje uma mancha de tradutores, e entre eles Remy Hourcade (filho) que traduziu com rara elegância e nobreza «A Tabacaria» (Ed. Unes) considerado o mais belo texto no mundo (ver «Libération» de 12 de Maio de 85).

Tendo como quadro de fundo uma exposição bibliográfica de traduções, teatro com «Daisy, Filme para Pessoa» de Sas Portes e Richard Dumarçay,

cinema com «Conversa Acabada», de João Botelho, o colóquio reúne em volta do tema «Diversidade e universalidade de Pessoa» uma quarentena de «pessoanos» e tradutores, entre eles Alain Bosquet, Christine Buci-Gluksmann, Robert Vréchon, Armand Guibert, Pierre Rivas e, entre os portugueses, Eduardo Lourenço, Eduardo Prado Coelho, José Gil, Alfredo Margarido, José Blanco, Maria Aliette Galhoz e Yvete Centeno.

Aguardadas com certa expectativa as intervenções de Eduardo Lourenço à volta de «Quatro Fernandos Pessoa e a filosofia», Christine Buci Gluksmann, «Tragédia e melancolia em F. Pessoa, comparadas com o Shakespeare dos sone-

Presente no colóquio que a Unesco consagrou, em Paris, a Fernando Pessoa, disse ao JL o embaixador de Portugal naquela organização mundial,

José Augusto Seabra: "Uma translação poética sem cá dentro nem lá fora"

«Jornal de Letras» — Quais as manifestações e temas de maior relevo e participantes reputados da semana que a UNESCO e a missão portuguesa nesta organização internacional consagraram a Fernando Pessoa, de 13 a 21 de Junho corrente?

José Augusto Seabra — Penso que a manifestação mais importante foi o colóquio dos tradutores, Fernando Pessoa era o poeta da língua portuguesa e também poeta poliglota. Escreveu em inglês, francês e mesmo em português, no fundo em várias línguas — variantes ou va-

riedades da nossa língua.

P. — Mas falou, creio, noutras vertentes do tema da tradução?

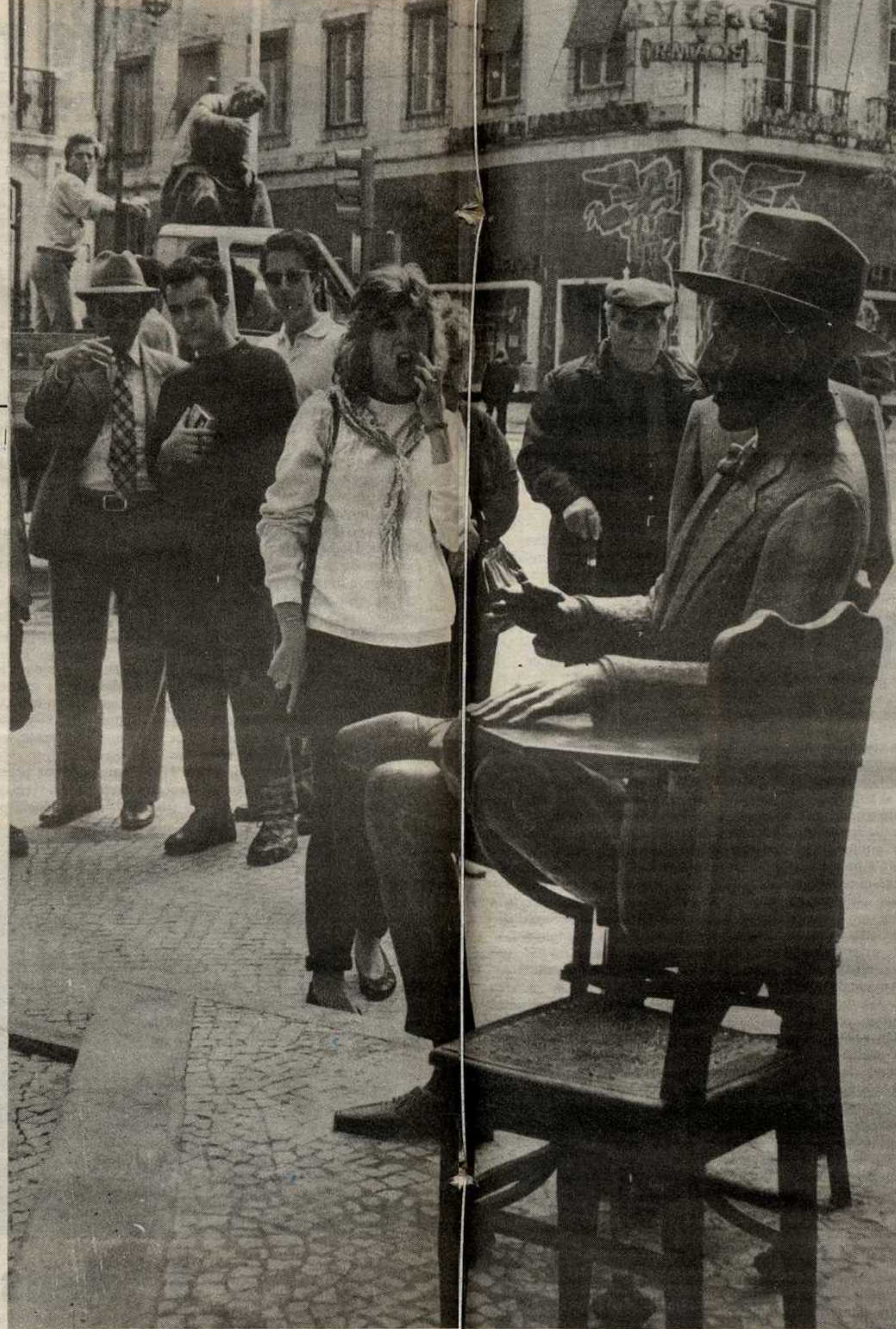
R. — Nós entendemos que Pessoa teve relações com as Artes Plásticas, com o Teatro e até com o Cinema, e o aparecimento recente de encenações como «Daisy» de Sás Portes e R. Dumarçay leva a que discutamos esses aspectos de Fernando Pessoa. Críticos de teatro, de cinema confrontarão seus pontos de vista entre a poesia e os outros discursos. Foi um fenómeno de modernidade, com Orfeu — Portugal Futurista. F. P., para lá de um

Sá-Carneiro e um Almada, se relacionou com Amadeo de Souza-Cardoso e com todas as vanguardas da época. Finalmente haverá colóquio importantíssimo do ponto de vista de Portugal, e que incidirá sobre a língua portuguesa como língua de comunicação internacional. A língua portuguesa é uma língua de sete países, é uma língua que ainda está presente no Oriente, em África, no Brasil e hoje na América do Sul e do Norte, e por isso nós aqui na UNESCO, nós temos lutado para que a língua portuguesa seja uma língua de trabalho. Ora ninguém melhor do que F. P. podia patrocinar esta iniciativa — pois que a sua pátria era a língua portuguesa.

P. — Um ponto importante: você, como «pessoano», publicou já dois livros que são de referência — «Le retour des dieux», Ed. Champs Libre, Paris (1973), e outro no Brasil, «Heterotexto» (Ed. Perspectiva) e «F. Pessoa e o poetodrama» (Ed. Corti, 1988). «Pessoanos» e ou ditos «pessoanos» toda a gente escreve sobre F. P. inédito ou publicado em vida, não abundam as obras críticas, poucos são os que se debruçaram seriamente sobre os fundos pessoanos na Biblioteca Nacional, com excepção de Teresa Rita Lopes e a sua equipa de investigadores. Aqui poderemos assinalar a pesquisa recente de Christine Lucif-Gluksmann que se debruça sobre a tragédia em Pessoa em

paralelo com Shakespeare — ela estará presente em Avignon —, e na obra de José Gil, «F. Pessoa: a metafísica das sensações», Ed. La Difference, 1988 (Paris) sobre o mecanismo da heteronímia que os franceses apontam já como obra que fará data. Mais de uma década sobre o seu primeiro ensaio no Champs Libre: em que ponto se situa a sua pesquisa como «pessoano», qual a sua leitura hoje de F. Pessoa, em Junho de 1988?

R. — Será na minha tese de doutoramento «F. Pessoa ou o poetodrama» que as Ed. Corti editam brevemente, que se encontrará a minha visão da textualidade pessoana, que mantém a sua actualidade mas que tem tido desenvolvimentos críticos posteriores que eu nomeadamente no «Heterotexto» procurei actualizar. O que penso hoje sobre a obra de F. P.? Que ela representa o que chamarei então de uma «revolução» ou uma «translação poética», caracterizada essencialmente por pôr em causa algumas das formas da literatura ocidental que nomeadamente com o classicismo e o romantismo se tinham tornado padrões. O classicismo valorizava a objectividade e o romantismo passou a valorizar a subjectividade. F. Pessoa, na esteira de Mallarmé, Joyce e de outros, procura pôr em relação a objectividade e a subjectividade de tal modo que o mundo interior do poeta se pluralize pela criação



Fernando Pessoa, esculpido em bronze por Lagoa Henriques, está desde o passado dia 13 à porta da Brasileira do Chiado, em Lisboa

de poemas; e isso é que é importante, o que eu chamei de poemodrama e que depois dá lugar ao poetodrama. Ora isto significa que os valores da subjectividade e da objectividade foram postos em causa e relacionados. F. P. dizia que não tinha cá dentro e lá fora, porque na verdade o mundo exterior está no interior e vice-versa.

P. — Mas o que existirá aí de extraordinário em Fernando Pessoa?

R. — Mais precisamente o ele ter posto em relação com as translações as revoluções que se verificaram em vários domínios: a Física, com a Teoria da Relatividade de Einstein, que depois os surrealistas vêm a desenvolver. Mas há também na Filosofia a fenomenologia de Husserl. Como sabe Husserl

propôs que a construção do mundo pela Filosofia não era mais do que um puzzle em que as diferentes faces da realidade que nos aparecem separadamente eram reconstruídas no que ele chamava «eu-transcendental».

Assim, na ciência, na psicologia e na metapsicologia, na filosofia, F. Pessoa está, digamos, em íntima relação com es-

tos», José Gil, «A lógica dos contrários nos textos filosóficos de Pessoa»; e Eduardo Prado Coelho, «Pessoa e a crítica» (nacional e internacional), onde se falava da recuperação crítica de Pessoa.

Duas observações ao correr da pena: a ausência de «pessoanos» de quem se fala internacionalmente, tais como Antonio Tabbuchi, Luciano Stegga-Picchio, G. R. Lind, Ettore Finazi-Aggro, Leyla Perrone-Moisés, Cléonice Berardinelli, Octavio Paz, para além de universitários americanos e britânicos. Por outro lado, com excepção do que já se conhecia de um João Gaspar Simões e do que há de inovar nos quarenta anos de reflexão de um Eduardo Lourenço, ao apro-

fundar as razões de uma «impotência em ser», e «neutralidade e lucidez quase perversas», encarnadas por B. Soares, ou de um José Gil, na interpretação da sua heteronímia do ponto de vista do pensamento lógico, e dos florilégios críticos-pertinentes de um Eduardo Prado Coelho, fica-se com a impressão de que a crítica se ressentia da própria fragmentação da obra de Fernando Pessoa. Não bastará, pois, dizer que o Livro do Desassossego é uma obra-chave para a interpretação da sua heteronímia, mas será necessário ir mais longe, inclusive, no estudo do imaginário «inglês» que é inerente ao pensamento e à escrita de F. P.

O que têm trazido de novo as

últimas gerações de pessoanos, para falarmos mais precisamente da terceira e agora da quarta? Fica-se com a impressão de que Pessoa, como objecto de reflexão, tem merecido muitos estudos, mas na maior parte dos casos se fica pela rama: que se escreve muito sobre o joelho e mesmo sobre o joelho dos outros. As novas gerações ficam com a impressão de que descobrem um novo Pessoa, o que não deixa de poder ser salutar, uma nova leitura sobre os seus textos, com novas armas, sobretudo com a contribuição da semiologia, da psicanálise e da filosofia. Mas convirá sublinhar que Gaspar Simões ou Prado Coelho (Jacinto) tinham tudo dito, ou avançado as intuições fundamentais em

relação à sua vida e mesmo à sua temática. O essencial de F. P. está publicado, embora se possam encontrar textos novos e surpreendentes, mas não fundamentais. Que os limites de reflexão à volta de F. P., independentemente do «trunfo» e do seu «boom» em França e Europa, possam depressa ser ultrapassados é o que aspiram os verdadeiros apaixonados do seu «sorriso no interior do desespero», «insustentável e libertador», como o próprio «Livro do Desassossego», escreveu Ed. Lourenço no seu prefácio à tradução deste livro-chave publicado há semanas pelas Ed. Christian Bourgois em Paris (ver entrevista com Ch. Christian Bourgois no JL de 13 deste mês).



que tem de próprio a poesia é fazer da linguagem a realidade: é aquilo que todos os poetas têm procurado, uns por uma via, outros por outra. Mas F. P. por todas as vias simultaneamente.

P. — Fernando Pessoa é simultaneamente no seu movimento permanente, o «anterior» e o que «chá-de-vir», novas estéticas, novas formulações?

R. — Ele é, sem dúvida, um poeta muito moderno, de vanguarda, sem deixar de ser um clássico e um romântico como disse o Eduardo Lourenço, o último grande romântico, referindo-se ao Álvaro de Campos. Mas é um poeta em que há a busca de um grande realismo como é o caso de Alberto Caeiro que procurava reduzir tudo à realidade do mundo: é um poeta que é capaz de assumir o barroco, é um poeta que tem muitos aspectos conceptualistas e formalistas mas também é um poeta capaz de voltar ao neoclássico: em suma, F. P. assumiu toda a multiplicidade de estéticas, de poéticas, de línguas, enfim de concepções do mundo.

P. — O imaginário de Fernando Pessoa é, quanto a nós, um imaginário estritamente nacional, não é apenas um imaginário português, mas sim um imaginário plural, universal, ligado às línguas, literatu-

ras e filosofias que ele estudou e conhecia bem, particularmente o imaginário da língua inglesa?

R. — Exactamente. Acabei de defender essa tese numa conferência que fiz em Epinal com o título «O imaginário da viagem». F. Pessoa dizia «fui educado pela imaginação». Viajei sempre pela mão dela», sempre. No entanto, Fernando Pessoa não tinha necessidade de sair de Lisboa. Ele tinha estado expatriado na África do Sul — Durban — quando regressou, decidiu ficar e criticava inclusive Sá-Carneiro, seu amigo em Paris, porque ele admirava os grandes centros, etc. No fundo a viagem dele é uma viagem imaginária. Ele dizia, aliás, «não evoluo, viajo». E com este pormenor, até dizia que foi inconscientemente ao escrever à máquina que «VIA-GEM» apareceu em maiúscula. E temos aí o Freud. Ora esse imaginário da viagem, e eu concordo inteiramente consigo, é que é o próprio do nosso tempo. Até na realidade, porque nós hoje viajamos. F. Pessoa, simplesmente, ia mais longe ao dizer «viajar de perder países, ser outro constantemente». «Certo no viajar, perder países» é que é importante «ser outro constantemente». Isto para não perder os países e ganhá-los todos.



Quando se trata de Arte o quadro tem um nome

«EMETRESCES»

Antes de decidir consulte-nos

Somos uma casa especializada em molduras onde vos podemos oferecer uma gama de artigos com o símbolo de qualidade e distinção

Móveis confortáveis de estilo

— Nogueira
— Castanho
— Mogno

Espelhos
Candelários

Perfis em:

Estampas
Serigrafia
Gravados
Postais

— alumínio
— madeira
— revestidos folha de ouro
— lacados a várias cores
— para leques

CENTRO COMERCIAL LUMIAR, LOJA 72/73 — LISBOA



CURSOS INTENSIVOS
JULHO-AGOSTO-SETEMBRO

ALEMÃO
INGLÊS
ITALIANO

TELEFS. 520345-536786

AV. DUQUE DE LOULÉ 71 2º

1000 LISBOA

PORTUGUES PARA ESTRANGEIROS

INSCREVA-SE
JÁ